

MUNDARÉU

UM PODCAST DE ANTROPOLOGIA

Uma parceria entre o Labjor/Unicamp e o DAN/UnB

Temporada 2 – Episódio 12

Uma pegadeira de palavras

Publicado em: 11/03/2021

Transcrição do episódio: Fernanda Andréia Andrade

Revisão: Daniela Manica

Legenda:

Blocos

Sonoplastia

ABERTURA

Música de abertura: “Mudernage”

Daniela: Oi pessoal, esse é o Mundaréu, podcast de Antropologia. Eu sou Daniela Manica, antropóloga e pesquisadora da Unicamp.

Soraya: E eu sou Soraya Fleischer, antropóloga e professora da UnB. Hoje, vamos conhecer a Suzane de Alencar Vieira, professora de antropologia na Universidade Federal de Goiás, e Teresinha Joana de Jesus, sua interlocutora na comunidade quilombola da Malhada, que fica no município de Caetité, na Bahia.

Daniela: Vamos conversar sobre a pesquisa da Suzane, que procurou entender como a Malhada e outras comunidades convivem com uma mina ativa de urânio radioativo. E como foram confrontadas também, na época da pesquisa, por projetos de instalação de parques eólicos na região.

Soraya: Por isso, vamos ouvir elas falarem de “Urana” e de “Eólica”, que é como o pessoal de lá chama essas duas grandes empresas de energia. Teresa e Suzane vão nos contar como é a chegada de uma antropóloga nesse lugar. Como juntar antropologia da ciência com a resistência minoritária quilombola? Será que a antropologia ajuda a expandir os modos de conhecimento sobre átomos, energia? E como foi chegar como mais uma cientista, acompanhada do marido e só com um telefone anotado num pedacinho de papel?

Bloco 1 : Malhada, Teresa e a chegada de Susana 2

Bendito cantado por Maria de Jesus Oliveira

Adeus, minha mãe, adeus

Adeus que eu já vou m'embora

Meu coração vai partindo, ó mãe

E deixa Nossa Senhora

E deixa Nossa Senhora

Mas não deixa a oração

Eu levo as nossas graças, ó mãe

Dentro do meu coração

Teresa: Eu graças a deus sou aqui uma pessoa muito procurada. Toda reunião que acontece na comunidade o ponto é aqui. Tem uma professora o ponto é aqui. Que eu já fiquei com uma professora, duas professoras dentro de casa, 7 anos, veio o povo da unidade solidária, vinha aqui pra minha casa, ficou 15 dias, o padre, vinha celebrar a missa na comunidade, o ponto é a minha casa, né? Então isso pra mim é um prazer, de eu receber o povo na minha casa. E hoje eu tô recebendo três pessoas em minha casa... [pausa] Sabe quem? Daniela, Soraya e Bruno [risos]

Suzane: (Muito bem).

Daniela: Essa é a Teresa, interlocutora de Suzane. Ela mora na comunidade da Malhada, que fica numa região serrana da Bahia, as Gerais, e é parte do distrito de Maniaçu, da cidade de Caetité. A gente pediu para Suzane e Teresa nos dizerem como é, e onde fica, a Malhada.

Suzane: [...] a Malhada é situada num lugar conhecida localmente por Gerais, que são serras. Então é um local assim alto, frio até, tem vários meses do ano que é frio, então um sertão, um alto sertão frio, especialmente a comunidade da Malhada, Lagoa do Mato, Veredas, fica numa maior altitude e é um lugar que as plantas demoram um pouco mais a ficarem ressequidas, mas por outro lado o acesso à água é mais difícil. As minações são bem menos caudalosas do que no baixio, que tem um acesso à água melhor.

Daniela: A gente bem que gostaria de ter ido conhecer a Malhada pessoalmente, Suzane nos contou que Teresa tem uma horta maravilhosa, e Teresa confirmou...

Teresa: Eu planto couvo, alfaça, baterraba, cenoura. Tudinho eu planto aqui nessa horta.

Daniela: ...mas gravamos esse episódio das nossas casas mesmo. O neto de Teresa, Rodrigo, foi nosso assistente de áudio, gravando para nós as falas da Teresa e mandando por Whatsapp, enquanto a gente conversava por uma plataforma de vídeo chamada, e gravava os nossos áudios separadamente, também. A gente vai colocar as fotos da horta da Teresa no nosso site, para vocês conhecerem.

Soraya: Eu gostaria de saber da Suzane como é que ela vai parar lá em Caetité.

Suzane: Eu tava junto com a Daniela num grupo de antropologia da ciência, tava dedicada a uma pesquisa de Science Studies, né, investigando esse campo tão grande, tão amplo né e tão instigante que é da antropologia da ciência e da tecnologia. E eu tava lá pelos idos de 2011, eu circulava pelo CBPF lá, no Rio de Janeiro [...]

Soraya: CPBF é o Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas, criado em 1949, é um Instituto de excelência internacional na área de pesquisa e pós-graduação em física.

Suzane: [...] e eu tava lá entre os físicos tomando chá, um chá das 5 com eles, né, falando sobre energia nuclear, que era um tema que tinha ficado no âmbito da minha pesquisa de mestrado, que era com o Césio 137. Então já vinha instigada pela maneira como a verdade ou a realidade era produzida, né, narrativamente, discursivamente pelos físicos, especificamente pelos físicos nucleares. E aí lá pelas tantas, também, 2011 aconteceu o grande desastre de Fukushima, e foi aí que eu comecei a acompanhar o movimento antinuclear brasileiro, os movimentos ambientais, a rede de justiça ambiental né, todos muito situados ali no Rio de Janeiro... E reencontrei com uma colega, a Cecília, que tava organizando um evento de cinema antinuclear. Já tinha sido recém criada naquela época uma articulação antinuclear no Brasil e aí esses temas, né, o tema do meu mestrado se encontrou com essa nova configuração de movimento social/ambiental. E foi lá, num evento de cinema, de mostra de filmes que eu encontrei o padre Osvaldino, que era um ativista ambiental, que organizava toda a luta de resistência das pessoas de Caetité. E eu lembro que no filme é... o padre Osvaldino, ele levantava um contador Geiger.

Daniela: O contador Geiger é um medidor de radiação ionizante, que servia, no caso, para medir a quantidade de urânio radioativo no ambiente, um dos problemas que Suzane queria pesquisar.

Suzane: Era uma forma de monitoramento comunitário em relação a “que realidade era aquela?”. Não eram só as tecnociências nucleares que tinham aquele controle sobre a intensidade e o alcance da contaminação radioativa ali, em Caetité, né. Também havia uma fissura sendo produzida ali, por um movimento ambiental local, articulado a uma rede e que tinha como uma figura de... que era uma liderança ali local, que era um padre. Então eu achei que isso era um deslocamento que valeria, mereceria uma pesquisa. E aí eu resolvi me aproximar de Caetité, eu fui pra lá... Fui para lá com o telefone do padre. Eu só tinha isso na minha mão: um papelzinho dobrado, aí de mim se eu perdesse esse papel, não sabia o que fazer mais lá em Caetité (risos). E aí quando eu cheguei, eu liguei pro padre. E quando eu me apresentei como alguém que vinha de uma universidade, Universidade Federal do Rio de Janeiro, fazendo doutorado, então era de uma “casa de ciência”, eu fui vista com suspeita. “Não, peraí, né?”, Os pesquisadores ali eram quase todos aliados, alinhados, né, a essas tecnociências nucleares, a própria empresa que são as Indústrias Nucleares do Brasil, reconhecida ali localmente como URANA. Mas no início ele achou que eu era uma espiã da empresa, o que é que uma estudante de doutorado ia querer fazer ali em Caetité? E aí eu me vi numa situação de risco, né. Eu me danei né, porque agora eu tô em Caetité (risos), já eu sou espiã (risos). Aí o padre ligou pra Cecília e a Cecília falou que

eu era amiga dela, mas eu fui submetida a vários testes, né, para se tornar uma pessoa "confiável"...

Soraya: Ah, então conta desses testes? Dá um exemplo desses testes!

Suzane: Um deles era esse, né, de saber que lado eu tava, de não me arrogar a um discurso de neutralidade, de objetividade, né? ou então uma performance jurídica de acordo, de ajustamento entre as partes, em que “fique bom pra todo mundo”, né? Os advogados das empresas de energia eólica faziam muito isso, né: “vai ficar bom pra todo mundo”. E até a Malhada, a Teresa e as pessoas das comunidades quilombolas sabiam muito bem que isso era “treta”: querer falar num âmbito de um universal ou de um acordo unificante/unificador de perspectivas isso era uma grande treta. E aí eu acredito né, que por isso eu me tornei uma pessoa um pouco mais confiável do que no começo.

E outra coisa que me ajudou, foi que eu encontrei uma xará, a Suzane, lá em Caetité que eu fiquei muito amiga dela lá, e foi através da Suzane que eu cheguei até Teresa. E a Suzane ela tava liderando um outro tipo de projeto, um projeto social ligado à Caritas e à igreja diocese lá de Caetité, que era a construção de cisternas de produção. Então a Teresa... (risos) eu conheci a Teresa inicialmente dirigindo com a Suzane. É... eu tive a sorte de saber dirigir e eu (risos) eu consegui ser útil (risos).

Soraya: Nossa, essa antropóloga motorista. Tô adorando isso!

Suzane: (Risos) E aí eu levei a Suzane lá, eu lembro que ela ia pagar o salário do Zequinha, filho da Teresa, e quando a gente chegou lá, a Teresa já foi lá na horta dela, mostrou uma horta linda, né? Era uma época já de seca, foi em outubro, então tava já tudo muito ressequido, muito calor na época. E aí a gente viu o oásis que era a horta da Teresa, era a vitrine do projeto. A maneira como a Teresa usava aquela água da cisterna de produção, a cisterna de consumo, ela conseguia naquele lugar, além de mostrar toda aquela beleza ali da horta dela, ela ainda presenteava a gente. Então acho que ela me deu um pé de alface, ela me presenteou ali, e a Teresa adora plantas, né, Teresa? Ela gosta muito de cuidar das plantas, agoa, né, até hoje, todo final de tarde. E aí eu fiquei encantada, assim, com a Teresa, né? Com aquela, com aquela... o orgulho né, que a Teresa tinha, de mostrar aquele trabalho dela.

Teresa: A chegada de Suzane aqui pra nós, pra mim aqui foi muito importante. E nem só pra mim, foi pela comunidade, né? Que foi uma pessoa que chegou... Eu não conhecia, eu não sabia quem era a pessoa, mas foi uma pessoa que chegou aqui e tocou no coração da gente. Só na primeira vez que a gente viu ela, já tocou no coração, a gente já passou a ter amor, era uma pessoa que parece que era... era uma pessoa da família. Pelo chegar dela ela já chegou sendo uma pessoa da família, então ela aqui ajudou nós muito, graças a deus, né que nem disse ela aí. A outra nós fala Suzana 1, e essa daqui, que é minha filha, é Suzana 2, para não misturar, assim. Qual é a Suzana? É a um. Todo mundo já sabe qual é a um, qual é a dois.

Daniela: Você consegue contar pra gente como é que você apresentava a Suzane por aí?

Teresa: Primeiramente ela chegou aqui, eu fui em Caetité. Aí uma tia minha me falou assim: quem é essa que tá mais ocê? Eu falei "é minha fia". "Ocê não tem fia mulher, não". Eu falei "tenho sim", "você não lembra aquele tempo que eu fui pra São Paulo, tratar das vista? Eu fui grávida dela, e eu cheguei lá e não sabia", pois essa menina é minha. Vixi... tem gente aqui que até hoje ainda fica encabulado com isso, que onde é que eu tenho essa menina "é mentira, é mentira" eu falei é minha, eu não esmaneço, é minha.

Suzane: Tem muito tempo, né, Teresa? Tem muito tempo essa história, né? Foi uma história muito importante pra nós duas, como você tá falando, a gente se conheceu e a gente ficou muito amiga assim...

Soraya: E porque é que você acha assim que a Teresa te convidou pra morar na casa dela é... essa ideia assim, de morar com ela né, é muito interessante isso.

Suzane: Nesse período, essa relação de confiança, né, com a Teresa, tanto dela em mim, né, e eu confiando nela, no tipo de desafio que eles tinham pela frente, que era resistir a essa apropriação de terras do parque eólico, é... que a gente foi ficando mais próximas. E meu marido tava comigo, isso é uma coisa importante... Ele ficou comigo no mês de janeiro e fevereiro de 2012, e aí, quando ele teve que voltar pro Rio de Janeiro pra fazer a especialização dele no IPPUR, aí a Teresa descobriu que eu ia ficar sozinha, e ela "Não, vem pra casa! Vem aqui ficar comigo".

Teresa: Esse ano que ela morou mais eu, ela ficou comigo, ela ia fazer umas visitas e eu ia com ela. Eu só não ia mais ela assim, se fosse assim no caso que ela tinha de resolver alguma coisa na cidade, né, eu não ia. Mas a não ser, onde é que ela ia aqui na comunidade, eu tava atrás mais ela. Ela ia nas casa das pessoas visitar as pessoa, tinha lugar que ela não sabia eu ia com ela...

Daniela: E conversava do que?

Teresa: Conversava um monte de coisa. A gente ia conversando, ela ia gravando na cabeça, depois ela ia passar tudo pro papel.

Suzane: Então, lá pelas tantas da minha pesquisa não parecia fazer sentido pras pessoas da Malhada, né. Eu não fazia nada (risos) Fazia assim... só ajudava né, a carregar água, lavar louça, né... molhar a horta né. Mas, efetivamente eu não fazia nada porque eu... A minha função não era tão clara como era a função do cartógrafo, do advogado, né, que eram os "sabidos". Então o advogado era o mandado né, tem uma outra categoria, o "mandado" da empresa, é aquele que não tem autonomia, né, que tem um lado... que é o da empresa, e que cumpre ordens. E o cartógrafo é o "sabido", é aquele que mete a mão na mesa e fala "vocês tão errados é assim, e pronto, acabou", né? Então eles sabiam, eles sabiam situar as pessoas dentro dessa grade de categorias pra conhecer quem é quem. Então é... lá pelas tantas eles também foram... Tinha esse olhar né, pra entender o que que eu tava fazendo ali, além de ajudar, né, ajudar como eu podia. Era uma pessoa que escrevia né, então muitas vezes as cartas pro CDA eu que fazia, as atas de reuniões eu fazia também, né. Então até marcar leilão era eu que fazia. Então eles iam me testando em posições ali. Até que eles sacaram o que eu que fazia, né? (Estala os dedos). Aí eu achei muito legal né,

uma elaboração, né, das minhas amigas lá da Malhada, que era “pegadeira de palavras”. Eu falei “É isso, é isso que eu faço! Sou uma pegadeira de palavras”.

Soraya: Nossa gente, isso é muito lindo! É assim como se as palavras flutuassem, né, é como se a Suzane pudesse de alguma forma fixar ou reunir essas palavras né?! Ai gente é muito bonito isso: Suzane pegadeira de palavras.

Teresa: É... e eu cantava um verso e você pegava as palavras, né? Nós ia falar, Suzana ocê protege pra ocê sair, você tem que ponhar uma coisinha, botar na gibeira, uma arruda, um dandar, não era, Su?

Suzane: Era, o que eu fazia era caminhar e pegar palavras. Mas a Teresa começou a perceber que eu era muito imprudente (risos)... Que eu andava é... só com a proteção de um chapéu, um protetor solar e achava que tava bem protegida. Então, passava na encruzilhada, pelo meio, andava de casa em casa, não levava nenhuma uma arruda, né, Teresa? E o seu Joaquim e a Teresa tentavam me proteger assim, né?

Teresa: Aonde é que não dava pra ir mais ocê, aqui pertinho, você mesmo ia, n'era? Você ia pra Caetité, tem hora que eu ia... eu ia pro baixio, Vereda dos Cais, Lagoa do Mato, eu com você, eu com dó de deixar sozinha.

Suzane: Era... e também vocês tinham medo do pessoal da Eólica né, podar na estrada...

Teresa: Pois é moça, quando ocê vinha de Caetité, enquanto ocê não chegava aqui eu não sossegava.

Suzane: Eu falava, né, que ela era minha procuradora, porque quando as pessoas vão pra São Paulo, né, da Malhada, em São Paulo tem que ter um procurador. Procurador, antigamente, era o nome que se dava pro traficante de escravos. E na palavra das pessoas da Malhada, procurador era aquela pessoa que, em São Paulo, ajudava e explicava como se vive em São Paulo. Era a pessoa que ajudava a fazer compras, que ensinava como atravessar a rua, por onde andar, como né, se proteger também da polícia. Era uma pessoa que sabia viver naquele ambiente, e que ensinava o que era essencial pra tocar a vida ali. E aí eu falava pra ela que ela era a minha procuradora na Malhada, que me ensinava tudo, né? Ensinava, assim, a tomar cuidado por onde andava, a não pular a cerca meio-dia, né? Um monte de coisa (risos)... Fazer o sinal da cruz antes de passar na encruzilhada. Era muita coisa né... E pra mim foi muito importante essa lição que eu aprendi com você. Eu tinha um cacete né, eu temia só os cachorros e eu tinha muito medo de cachorro. E era uma cachorrada faminta (risos), que comia mal... Então ficava com medo de morder minhas canelas (risos)... E daí, eu tinha muito medo, e eu ficava arrastando umas lenhas velhas, que eu achava no mato pra tentar, né? Me defender dos cachorros. Aí o vizinho da Teresa, que é compadre também, irmão do seu Joaquim, ficou com dó de mim, fez um cacete pra mim assim pra eu me proteger, onde eu ia eu ia com chapéu e esse cacetinho pra cima e pra baixo o pessoal morria de rir de mim, andando...

Teresa: Esse cacetinho ainda tá aqui, guardado.

Suzane: Tá, até hoje... eu lembro, é... memórias da Suzane (risos).

Miolo

Música: Terno de Reis da Comunidade de Vereda dos Cais

Soraya: Eu queria comentar aqui no nosso miolo, como a gente chama, o fato da Suzane chegar a campo com um telefone anotado num pedacinho de papel. Isso é muito comum de várias pessoas que vão fazer pesquisa, ter um contato na região, apostam muita coisa naquele contato. E às vezes dá certo, às vezes não – tem que achar outros e tal. Mas no caso, o contato com o padre Osvaldino deu certo, quer dizer, ela foi checada ainda por ele e tudo né, mas o contato deu certo. E ela começou a se inserir numa rede, a ponto de chegar a conhecer a Teresa, e o seu Joaquim, esposo da dona Teresa, que eram pessoas absolutamente centrais nesse debate todo. É uma referência mesmo no lugar, como diz a Teresa, “eu sou uma pessoa muito procurada”, ela fala, né, no começo. Ou ela fala “o ponto era aqui”, todo mundo passava pela casa dela. Então era uma movimentação muito interessante, era um lugar muito estratégico para estar. E aí ela também foi aceita afetivamente naquela família. Então eu só queria reforçar, para aplacar ansiedades né, acho que todo mundo passa por isso quando chega a campo, que é você chegar com um telefone, e abrir toda uma rede de contatos.

Daniela: Isso! E essa abertura da rede de contatos também não é automaticamente e rapidamente que você vai chegar no espaço e na comunidade com quem você vai desenvolver sua pesquisa de campo, né? A Suzane contou quanto ela circulou, né, entre a Igreja Diocese, o quanto ela circulou com a outra Suzane né, a Suzane 1, para poder chegar na casa da dona Teresa. Então ela foi uma "antropóloga motorista" primeiro, até conseguir se estabilizar num lugar de onde ela podia olhar para a questão de pesquisa dela. Então acho que são muitas posições que vão sendo ocupadas durante a pesquisa por uma antropóloga (né, nesse caso). Acho que essas muitas posições aparecem de forma bem interessante na narrativa da Suzane, e ela acaba falando uma coisa super bonita e interessante, né, e que foi uma forma de se tornar compreensível naquele ambiente, que foi a definição dela como "pegadora de palavras", né? Como esse tipo de profissional é muito diferente do advogado, do cartógrafo, desses outros técnicos que circulam, esses outros cientistas que circulam pelo ambiente das comunidades rurais, quilombolas. Mas todos eles vão com um objetivo muito específico, e uma técnica muito específica, e muito óbvia. No caso da Suzane, como uma antropóloga fazendo uma tese de doutorado, e essa ausência da necessidade de dar uma resposta imediata, de que o trabalho fosse claro de início, "ela está aqui para fazer isso", "para resolver esse problema, pra resolver essa questão"... a ausência desse resultado "óbvio" da pesquisa dela, só foi se concretizar no final, com a tese com o livro. Nesse meio tempo todo, eu acho que todo mundo foi tendo que fazer sentido da presença dela ali, né... Que é que essa antropóloga está fazendo aqui? Que ela só nos ajuda a lavar louça, faz tapete, cuida da roça, e sai visitando e conversando com as pessoas, né? Então esse sentido de ir conversar com as pessoas e pegar as palavras – muito poético, muito bonito – dá uma resolução, digamos assim, para esse tipo de

especificidade do trabalho científico da antropologia, e que é o trabalho de entender um pouco esse mundo, e captar as palavras que ajudam a compreender, né?

Soraya: O legal é que essa expressão “pegadora de palavras” foi atribuída pela comunidade a ela, né? Acho que tem vários episódios anteriores do Mundaréu que a gente percebeu esses processos de entendimento local, por parte da comunidade em relação ao antropólogo, e a antropóloga, tem vários episódios que falam disso. De fato é um dos nossos maiores desafios: a gente ser compreendido ali pelas pessoas de alguma forma. Mas, eu queria te provocar a pensar um pouco sobre o que que ela passou nesse caminho todo em termos de risco. O que é que você vê como risco, como perigo, que a Suzane enfrentou, vivenciou. É diferente de desafio metodológico né, eu to falando de risco até de vida assim.

Daniela: É... A gente terminou esse primeiro bloco falando sobre isso, agora no segundo isso vai voltar de uma outra forma, mais aprofundada, mas achei a narrativa da Suzane muito surpreendente em termos de perigo que ela correu, ao fazer pesquisa sobre um tema politicamente super importante, sensível, né? de uma disputa efetiva, que tava acontecendo ali entre a comunidade e os grandes interesses de produção energética nacionais, tanto com a usina nuclear, quanto com a usina eólica – são esses os embates que tavam em jogo ali. E o quanto o próprio padre, né, cujo o telefone ela tinha anotado no papel, tava sendo ameaçado de morte, né? Então ao seu posicionar politicamente de partida, que foi uma coisa que possibilitou a entrada dela no campo, as pessoas precisavam saber de que lado ela estava, senão não tinha pesquisa, e ela se posicionou – essa posição coloca ela num jogo de forças super perigoso, super arriscado, e foi como ela nos contou, a aliança com a comunidade, com a Teresa, com o seu Joaquim que foi criando camadas de proteção, para que ela conseguisse enfrentar esses riscos de forma valente, né, corajosa e feliz, assim para ter com uma pesquisa bastante potente, que mapeia todas essas disputas, sem poupar os responsáveis, e as consequências todas que existem para as comunidades quando decisões são tomadas assim, à força e à revelia delas.

Soraya: Eu acho inclusive né que... Vou fazer aqui uma licença poética, mas... todo esse relato que ela fala do cacetinho, do pedaço de pau, para se proteger, os cachorros aí, o cachorro grande, o cachorro bravo, ele pode ser uma metáfora né, interessante para pensar nessas grandes forças do capital que estavam regendo essas comunidades quilombolas.

Bloco 2: Conflitos com EPP e Urana e os perigos de uma pesquisa situada

Bendito cantado por Maria de Jesus Oliveira

Nossa senhora da piedade

Nossa senhora da piedade

Amai os filhos dele por essa bondade

Amai os filhos dele por essa bondade

Daniela: Suzane nos disse antes que acabou chegando na Malhada porque estava procurando “dissensos” sobre o uso da fissão nuclear como fonte de energia. E lá em Caetitê, a cidade onde a comunidade fica situada, existe uma usina de urânio: a INB, que por lá eles chamam de Urana. Quando Suzane chegou em campo, ela soube que a Malhada estava sendo procurada também por uma empresa de energia eólica. A empresa queria aproveitar aquela geografia serrana para instalar “tornas”, que são aquelas torres de geração de energia pelo vento. Outras comunidades da região também estavam sendo procuradas. E algumas já tinham até vendido suas terras para essa empresa. Suzane e Teresa nos contaram um pouco mais sobre os conflitos que elas enfrentaram juntas, na Malhada.

Suzane: A Malhada é uma comunidade pequena, e tava bem no meio do projeto do parque eólico. Então várias comunidades ali perto já tinham vendido, já tinham assinado. Então tinha uma expectativa muito grande pela regularização das terras, para regularizar e já incorporar, e já vender e tornar as terras disponíveis pro mercado. Pra que o pessoal da empresa que a Teresa falou, a EPP, construtora de aerogeradores, pudesse incorporar rapidamente todo o território que eles precisavam, pra fazer o parque eólico. E foi justamente a Malhada, né, que era a menor das comunidades, que conseguiu fincar o pé e dizer não. Eu lembro que teve até uma reunião, Teresa, não sei se você lembra, você que me contou, que apareceu o pessoal do CDA (da Coordenação do Desenvolvimento Agrário da Bahia), Fundação Palmares, a gente foi chamando gente, lá pra Malhada. Teve até um encontro quilombola lá na Malhada. E aí, num momento específico pra tentar mais uma vez, né, conciliar... muitas vezes essas fundações, esses órgãos, eles aceitam atuar como mediadores pra favorecer o diálogo, ne? E a Malhada nunca viu isso com bons olhos. As pessoas desconfiam desse tipo de estratégia né, narrativa-discursiva. E aí numa dada reunião todo esse cenário foi montado, esses agentes todos presentes, e Malhada falou um não bem grande: “não queremos”. Não é se vai impactar, traçar melhor a estratégia, foi um “não” contundente, né.

Teresa: Isso mesmo Su, que era treta. Teve um tal dum fazendeiro, né, que a energia eólica trouxe esse cara pra fazer essa treta com nós. Mas quem não sabe mentir, na hora a gente sabe que é mentiroso, né? (risos) Vocês vejam, porque ele era novato, mais do que os avós do que morava aqui, dentro da comunidade. Que ele colocou que nesse lugar prantava café. Que café que ele prantou? Que eles pagou ele pra vim contar mentira. Mas aqui essa mentira não entrou não.

Suzane: A empresa desistiu de fazer o parque eólico.

Soraya: Eu queria fazer uma pergunta para vocês duas, para a Suzane e para a Teresa. Como é que vocês explicariam a Urana, pra quem não conhece... o que seria a Urana?

Teresa: Ô moça, a Urana é uma coisa que vem sentar um parque, sentar umas torna. Diz que vem abrir poço na comunidade, então aquilo traz uma doença pela comunidade. Que tem comunidade que ela chegou, o povo já tava tudo reclamando: tem muita poeira, tem muito sofrimento pra comunidade. Então a gente imaginou ela chegar até aqui onde tá nós. Então, pelo nosso trabalho aqui, muitos falô que é, que nós e a comunidade nossa aqui

fomos um exemplo pras outra. Que veio os devogado querendo iludir, querendo que a gente seja confrontante, que assinasse no papel deles, que se o presidente assinasse no papel deles, aí já não tinha mais boquinha, era deles. Mas Deus abençoou que, com a ajuda da Suzana, do padre Osvaldino, da Cáritas... Não foi Su?

Suzane: É... o padre era ameaçado de morte nessa época. Tava no Serviço de Proteção à Testemunha, porque ele era oposição à Urana, e a Urana era... era uma entidade aí muito poderosa, né? A gente foi visitar a Urana também, numa época, a gente viu o buraco da Urana lá, de onde tirava o minério.

Teresa: Lembro, Su. Lembro que o padre Osvaldino foi falar e eles processaram até o padre. Não foi? Foi muito feio lá, o tanto de gente que ele desalocou dali daquele lugar né?

Suzane: É... eu lembro da dona Odetina contar, né? Muitas famílias saíram de lá, nunca mais é... voltaram a dar notícia, né? Perdeu completamente o contato, muita gente adoeceu.

Teresa: É verdade. Ficou tudo pra trás era banana, cana, horta, que eles prantava. Foi largando tudo pra trás. Tem gente que até hoje chora o lugar que eles morava, que a Urana tomou conta. Desse jeito, eles queria fazer com nós aqui.

Suzane: Eu lembro que era um lugar, que você contava que era um lugar que tinha muito alho, plantava muita horta, acabou com tudo. O pessoal que conseguia produzir queijo, não conseguia vender, porque tava contaminado ou então tinha a história de tá contaminado... O pessoal sofreu muito.

Teresa: Sofreu, e ainda tá sofrendo. Porque hoje, quando chega uma verdura no Junco, lá no Maniaçu, Su, o povo ainda procura: "dondé?" "é de tal canto? não", "é de tal canto? não". Por que se for de lá, ninguém quer.

Suzane: Lá produzia farinha, muita farinha, né?

Teresa: Muita farinha o povo fazia. Olha o povo perdeu muita coisa, viu? Então o povo virou o povo cismado dos outros.

Suzane: É... trouxe muita tristeza né, a Urana.

Teresa: Trouxe. Muita Tristeza...

Suzane: O cientista em campo, ele quer falar em nome de um universal, né? É justamente mostrar que não tem lado. E o pessoal da Malhada vai chamar isso né com um nome técnico, né, que é de "treta". Então alguém que aciona, né, um enunciado universalizante, né? Ou uma instância discursiva supra divergências, é alguém suspeito, é alguém que tá com treta, né? Então, teve todo esse processo pra que eu fosse uma pessoa conhecida, e que meu lado fosse... claro, né? Pra todo mundo, de que lado que eu tava.

Soraya: Quer dizer... você tá falando muito claramente que o antropólogo em campo tem que ter lado, né Suzane? Eu acho isso muito importante! E fazendo um contraponto com outros personagens que vão pra campo também como por exemplo os cientistas né, que às vezes querem ficar assim, acima do bem e do mal, né? Ficar ali, assim, navegando, por cima

de tudo e de todos... E a comunidade da Malhada logo percebeu que não dava pra ficar navegando assim, né, numa neutralidade. Eu achei muito interessante isso!

Suzane: E inclusive eles que falaram pra mim, né? Eles têm categorias aí muito precisas pra dar conta dessas diferenças, né. Então, por exemplo tem o “sabido”. O “sabido” é esse que muitas vezes... é um risco pra nós, né, assim, que somos das ciências sociais querer habitar esse lugar do sabido. É aquele que não conversa com a pessoas, que já tem esse repertório teórico lá já, bem montado, né? As pessoas vão funcionar pra ele apenas como um ponto de informação, né? Então ele não vai se afetar, nem seu projeto de conhecimento, né? Ele já é o “sabido”. Ele vai criar situações de comunicação, mas que não são situações que vão envolvê-lo efetivamente ali, né? Então, o pessoal da Malhada me ajudou muito a perceber tretas aí, das pesquisas estruturadas conforme essa expectativa objetificante né, assim, neutra.

Soraya: Não, e esse termo é muito bom, né? Porque a gente geralmente usa assim, como substantivo, como adjetivo, mas é, é um verbo no passado né? Assim, o passado fechado, que já sabe tudo, que não tem nada para acrescentar.

Soraya: Eu queria perguntar então, Suzane, como é fazer trabalho de campo com o marido né? Isso eu acho que não apareceu em nenhum episódio, essa questão do nosso casamento né, que a gente leva pra campo? No seu caso, você levou literalmente, né, como é isso? Que que você pode pensar sobre isso?

Suzane: Pra mim foi muito importante, assim, muito importante, a presença dele mesmo que tenha ficado dois meses. Foram dois meses e ele, é como se ele fosse a minha casa, assim, ele é um pedaço da minha vida né, que eu deixei pra trás. Então, conhecer... Essa idéia né? Você conhece uma pessoa não como um indivíduo mas a partir da... dessa nebulosa de relações que ela contém, né? Então meu marido era, eu acho que ele falava muito mais sobre quem eu era do que eu mesma. E não só isso, assim, né? Lá, quando eu tava em Caetitê, antes do meu marido ir comigo, o Jean. Eu tinha acabado de me casar, e as pessoas perguntavam o tempo todo “cadê seu marido, cadê seu marido, cadê seu marido?”. Achavam estranho uma pessoa recém-casada circulando por ali... Então eu era uma pessoa ambígua, ali, e não era... não sei se eu era “de confiança”, não sei, assim, mas eu era estranha, eu era estranha. Então, quando o Jean foi comigo eu senti essa necessidade, de ir com o Jean nesse primeiro período, né? Até pra ele me ajudar com essas coisas da casa né, organizar um lugar pra ficar porque eu realmente não tinha contato ali, né? E funcionou super bem, né porque aí não é só uma relação, é... das pessoas da Malhada, da Teresa, do seu Joaquim, do Zequinha comigo. Sempre foi a relação deles com o que seria minha família, né, o meu duplo, a minha vida. Aí eu acho que funcionou bem, mas eu acho que ele me protegeu também. Me protegeu dessa ambigüidade e dessa vulnerabilidade que mulheres sozinhas podem ter circulando por aí. Eu acho que foi bom, eu ficava muito na zona rural, eu andava muito sozinha.

Soraya: Teresa você quer falar? Um pouco sobre esse marido da Suzana 2?

Teresa: Pois é, o marido da Suzana 2 é um homem, que nem no dizer do povo, é um homem pedaço do outro. É um homem pedaço do outro, porque quando uma muié anda assim pelo mundo, depende dos marido, meu pai, nem deixa, deixa perder o trabalho pra

não ir. E Jean não, Jean foi um homem forte, um homem de força, que interessou pra muié trabalhar, confiou na muié. Então, é um genro que eu tenho, viu, um genro de confiança mesmo. Um genro e uma filha, e foi, é...foi, foi bom. Que nem eu tava falando, ele foi, tava com ela, aí ele... precisou ele ir embora e eu falei aqui você não vai ficar só não, se não se importar vamo junto a eu, mesmo assim ela esmanceu a casa, e veio ficar com mais eu.

Suzane: Então foi um ano intenso. E aí quando chegou o dia de eu ir embora, aí eu lembro que teve uma reunião na Malhada pras pessoas me darem um pedaço de terra, pra eu construir minha casa. Você lembra disso, Teresa? Pra eu fazer minha casa, pra eu não ir embora, aí era só chamar o Jean pra eu ir ficar por lá. E teve uma novena lá, né? no final da minhas despedida, de Nossa Senhora de Aparecida, É muita generosidade né, a gente aprende muito. Se hoje eu sou etnógrafa e consegui escrever uma etnografia e aprendi alguma coisa com isso, foi graças à Teresa, dona Odetina, Maria de Bezinho, e tantas mulheres da Malhada, que me ensinaram a fazer a pergunta certa. Eu cheguei lá fazendo uma pergunta que não tinha nada a ver, era uma pergunta querendo saber informações, né, mas a “pergunta” é que é a forma certa de fazer pesquisa, né, Teresa? de pirraçar, de levar adivinha... Foi. Nossa. Foi difícil sair de campo, por isso que eu voltei várias vezes também, e a Teresa veio pra cá.

Teresa: Foi... e as crianças não esquece d'ocê não, meus netinhos aqui mesmo, não esquece.

Daniela: E agora cê vai levar uma? Pra eles conhecerem... como é que vai ser?

Suzane: Pois é, eu tô esperando essa pandemia acabar pra levar o Hugo Miguel lá pra Malhada. Eu acho que essa seria a segunda parte dessa história, né? Dessa história de envolvimento, de convivência, essa história agora com uma nova companhia, que é com o meu filho, né? Que mudou completamente minha relação com o trabalho, minha relação com a pesquisa e eu tava até pensando sobre isso hoje, né, assim. Como é fazer pesquisa agora com um bebê? Se eu tivesse que me envolver em uma nova pesquisa, novas pessoas seria muito mais difícil. Agora, eu tenho tanta segurança em levar o Hugo Miguel na Malhada. Vai funcionar muito melhor, eu não tenho esse problema, essa hesitação de levar o filho pro campo, porque o campo não é só um lugar de trabalho, é um lugar de viver junto, né? de conversar, de o meu filho brincar. Das crianças conhecerem o Hugo Miguel ao vivo. A gente já tava conversando antes da gente começar esse nosso papo; os meninos tavam interagindo com o Hugo Miguel pelo celular.

Teresa: A gente tá aqui, né. Toda hora que ocê chegar aqui a casa tá aberta, meu coração tá aberto, né? Pra receber essa fia, e o meu netinho e o meu genro.

FECHAMENTO

Terno de Reis da Comunidade de Vereda dos Cais

Soraya: Uma das coisas que me chama a atenção nesse segundo bloco, do trabalho entre a Suzane e a Teresa, é a Suzane comentar da importância de aprender a fazer as perguntas certas. Então ela passa um tempo fazendo perguntas, e essas perguntas

não necessariamente geram diálogos, interlocução né, até que ela vai aprendendo a fazer a pergunta certa e também aprendendo a fazer a pirraça, adivinhações, brincadeiras, chistes, né? Eu acho isso super interessante! Essa ideia do pirraçar... Mas, assim, aqui ela menciona isso, eu tô fazendo esse comentário aqui para reforçar, mas quem quiser entender mais sobre como é desenvolver a pergunta certa e como aprender essa etiqueta do pirraçar, acho que a gente tem que ir mesmo para a tese dela né, que está super bonita assim... Esse debate tá muito bem feito lá. E a tese tá no nosso site, para quem quiser conhecer...

Daniela: É, acho que essa coisa da pirraça tem a ver com achar uma forma de lidar com a situação, que é também uma forma de responder politicamente a situação. Muito inteligente a forma de como desmontar a pergunta, como fazer a pessoa chegar numa outra pergunta. É muito interessante isso. E isso tem a ver, claro, com todo esse contexto de disputa que ela acompanhou durante a tese de doutorado, de disputa com relação ao território, e de reconhecimento do direito daquela comunidade de permanecer ali. Essa questão, digamos, política né, tá muito presente na pesquisa né? Embora esse episódio seja totalmente afetuoso e fique evidente o quanto elas se gostam, e se têm como família, de certa forma, esse laço de parentesco que se construiu na pesquisa tem a ver também com aquilo que a gente comentou anteriormente que é o perigo né da Suzane por estar fazendo pesquisa nesse contexto, sozinha. Teresa chamou a Suzane para morar com ela quando soube que o marido da Suzane não estaria mais com ela na cidade, né? E Suzane contou como foi importante para ela chegar e marido estar presente junto com ela ali, como uma mulher casada, sem filhos mas casada, com o marido presente e apoiando esse processo de pesquisa, que acho que é uma coisa também bastante... pouco usual, eu acho, para o contexto da cidade, da comunidade, né? Uma mulher formada, pesquisando e que passaria muito tempo fazendo a pesquisa sozinha, apesar de casada. Então acho que foi interessante trazer isso neste episódio, a gente já falou de relações familiares e campo em outros episódios, né? Mas esse é o primeiro no qual a Suzane deixou muito claro desde o início o quanto foi importante para a compreensão dela como pessoa, também a comunidade saber quais as relações que a constituem como pessoa. Essa com o marido é uma delas, e agora, essa relação com o filho que nasceu, fez um aninho agora, e que já é parte dessa rede toda de parentesco que a Suzane construiu ali com a comunidade da Malhada, e com a Teresa e o Seu Joaquim em específico.

Soraya: É eu queria reforçar o que você falou, Dani, sobre todas as relações que nos constituem e que não estão necessariamente visíveis em campo, porque a gente deixa muitas vezes cônjuges, filhos, a nossa família extensa, a gente deixa em casa, né, a gente deixa para trás de alguma forma... né, na nossa cidade de origem. E não tá com a gente tão evidentemente em campo... Então, até que a comunidade entenda que a gente também tem essa rede lá, né que a gente é filha, que a gente é esposa, que a gente é madrinha de alguém, que a gente é mãe de alguém, né? Isso faz muita diferença, mesmo assim...

Daniela: Talvez para homens que sejam casados e tenham filhos seja muito mais fácil né? circular, deixar suas famílias na cidade, e não precisa desse complemento. Basta saber que ele é casado porque a circulação dele para outras cidades a trabalho, a pesquisa que seja é muito mais compreensível, né? Então acho que tem essa questão de gênero, que marca a pesquisa em ambientes rurais, cidades menores, que posicionam as antropólogas num

lugar bastante ainda mais perigoso e de risco. Talvez um pouco a compreensão da Teresa tivesse até a ver com isso mesmo né? E é real, né? Esse risco. E é claro que a gente não espera que todas as mulheres se casem para poder ir para campo, evidente que não é isso né (risos), mas acho que a pesquisa da Suzane é importante para mostrar o quanto a gente ainda tá distante de poder circular livremente por espaços de pesquisa e de trabalho, né?

Soraya: Acho importante a gente chamar a atenção para isso porque, porque nós estamos falando de riscos, e a gente sempre pensa em estupro, mas eu não quero deixar de lado as situações de em que as mulheres são acoissadas, são chantageadas, são caladas, outras situações assim. E que a dona Teresa parece que percebe muito claramente, né, dos perigos que a Suzane poderia correr ali.

Música “Mudernage”, de Ellen Oléria

Daniela: Esse foi o décimo segundo episódio do Mundaréu, quarto episódio da nossa segunda temporada. E nós agradecemos muito à Suzane e Teresa, e seu neto Rodrigo, e ao Bruno da equipe do Mundaréu que nos ajudaram a gravar esse episódio à distância no dia. Obrigada também aos estudantes que participaram da transcrição e da edição dos episódios conosco, Bruno Campelo, Fernanda Andrade e Lucas Carrasco.

Soraya: Também queria mencionar o esposo e o filhinho da Suzane, né, que agradecê-los também, que eu vi que eles estavam ali no dia da gravação. E lembrar quão significativo foi ouvir a dona Teresa contar que convidou a Suzane pra levá-los pra lá, e enfim fixarem residência num pedaço de terra, lá da comunidade. Quando a gente tá fazendo esse episódio sobre disputas fundiárias, né, e sobre os impactos do grande capital nessas pequenas comunidades é muito significativo que um pedaço de terra tenha sido oferecido para a Suzane... E, bom além deles, eu gostaria de agradecer também aos nossos financiadores: no caso da UNICAMP, nós contamos com o financiamento do PIBIC, do SAE e da PROEC. E na UNB com o apoio do PIBIC, do CEAD e do Departamento de Antropologia.

Daniela: Acesse nosso site para saber mais sobre as pesquisas da Suzane sobre a comunidade quilombola da Malhada, e sobre as músicas que a gente ouviu hoje neste episódio: www.mundareu.labor.unicamp.br. Mês que vem estaremos de volta com o próximo episódio.

Soraya: E nos acompanhe aí nas redes, estamos no Instagram, no Twitter e no Facebook. Até lá, beijão!

Daniela: Até!

Música “Mudernage”